

Carla Dias



jardim de
agnes

[*sic*]

1ª edição
São Paulo, 2010

Produção editorial Debora Barbieri (coord.)
Juliana Garcias
Beatriz Soares
Isabela Berger

Diagramador Cleiton Caliman

Estagiário Anderson Sunakozawa

Assistência editorial Mônica Suguiyama

Revisão Fernanda Batista dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Carla

Jardim de Agnes / Carla Dias. – São Paulo : Sic
Artes Gráficas, 2010.

1. Romance brasileiro I. Título.

10-06841

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 869.93

À minha sobrinha, Amanda, de quem
o nascimento inspirou a criação de Agnes
e me levou a escrever este livro.





*(...) é precisamente nas coisas
mais profundas e importantes que estamos
indizivelmente sós (...)*

Rainer Maria Rilke

IBIDEM

(bí), adv. (t. latino). 1. No mesmo lugar, aí mesmo. 2. Na mesma obra, no mesmo autor citado.

Este livro não merecia um prefácio, mas um trailer. Este livro não é feito de capítulos, mas de cenas. Você tem vontade de ler de uma só vez. E, quando acaba, você aperta os olhos e tenta se acostumar com a luz acesa da realidade.

Este livro precisaria de um trailer, mas trailers são perigosos: podem “entregar” demais a história do filme. Melhor seria entrar na sala escura despreparado, sem indicações de amigos, sem ter lido críticas, sem ter visto trailer algum.

Mesmo quem leu as crônicas de Carla Dias sobre cinema no site *Crônica do Dia*, há de se surpreender com *Jardim de Agnes*. Ao invés de falar sobre filmes, Carla faz um. Não há descrição de cenários nem nomenclatura técnica de roteiro, mas cada vez que um parágrafo se distancia um pouco mais do seguinte, não há como evitar a sensação de que a cena anterior esmaece lentamente na tela enquanto a próxima se torna mais nítida. Também é difícil evitar fechar os olhos por alguns segundos entre uma cena e outra, para preparar o espírito para uma outra emoção.

As imagens deste livro não são formadas por descrições detalhadas de paisagens e lugares, mas pelo movimento de seus personagens. Os estados interiores de Hugo, Agnes, Beto, Júnior... vão erguendo, em nossa imaginação, a cidade estranha de *Ibidem*, decorando ambientes, apartamentos, bares, compondo o vestuário dos personagens principais e de tantos outros personagens secundários que lhes cruzam o caminho e que, com certeza, seriam personagens principais em outros livros-filmes.

Não há nada que possa ser dito antecipadamente sobre Hugo e Agnes que não seja uma traição à busca desses personagens, uma fixação prévia e equivocada dessa gente que escolheu viver à deriva. Melhor é o leitor tirar os sapatos, desatar também os nós que o prendem a amores, empregos e ideologias, e se deixar levar a *Ibidem*, não como um observador a salvo da vida alheia desses personagens, mas como alguém que também arrisca o corpo e a alma no fluxo imprevisível dos conflitos e das reviravoltas desta turma de amigos a quem a vida arrastou em seu curso caudaloso de rio que talvez não veja o mar.

Que pelo menos este prefácio seja curto como um trailer. E que seja esquecido, fechando-se os olhos por alguns segundos, antes que as luzes da sala se apaguem e que o leitor se entregue ao sonho projetado na tela do papel.

margem

Mora em mim um mar
À beira de uma estrada
Uma canção qualquer
O hálito da madrugada

Moram em mim os pés do retirante
As orlas, as esquinas, os bordéis
Afetos embrenhados no semblante
O dia atravessando o convés

Mora em mim uma pausa
E pares de aspas distorcidas
A loucura das quedas
E os beijos de partida

À margem do que sinto se melindram os silêncios
E eu a cabular destino ao arquitetar recomeços



O jardim da vida

Assumo, da condição de dissidente das sutilezas, que sinto falta profunda da época antes desta, quando a simplicidade nos prendia em dias sem grandes histórias, mas promovia um carnaval de pequenos, porém significativos, acontecimentos. E a partir deles, conseguíamos criar enredos autorais.

Não maldigo nosso destino, até por pensar que ele segue rumo ao melhor desfecho possível. Ouso até dizer que ele tem sido receptor de milagres cotidianos, aos quais não prestaria atenção se imbuído em minha antiga realidade. Porém, a nostalgia é profana e sedutora, fazendo-me olhar para trás como se lá morasse o melhor de mim. Mas é apenas medo, disso eu sei. Medo de não saber mais como lidar com a minha própria biografia.

Eu me dei conta – de uma maneira catártica, o espírito em riste apesar do corpo prostrado – de que a vida não é uma caixinha de surpresas, mas sim um vulcão em erupção. É tempestade de mudanças que não prescrevemos; corrida desembestada em busca de sabe-se lá o quê. É desejar nem sempre o desejável e alcançar um par de improváveis realizações.

A vida, na leitura da pessoa que hoje me cabe, é um frenesi do qual não se sabe a procedência e que, em momentos de amansamento, levamos não só a acreditar na felicidade, mas também a saboreá-la: agridoce.

Na vida, as pessoas são ferramentas que não somente registram suas próprias biografias, mas também assaltam as alheias e as modificam, e às vezes de tal forma que fica impossível voltar atrás. E o mais improvável se mostra simples: somos seres humanos melhores quando outros nos desarrumam por dentro.



Não perco a conta de onde vivemos nos últimos anos, porque tenho a lista tatuada na minha alma. Não preciso dos recibos para comprovar residência, das fotografias para lembrá-la, tampouco dos momentos, que nesses lugares vivi, estampados em conversas nostálgicas. Na verdade, seria de grande valia me livrar de todas essas informações.

Tem gente que se esquece de como se esquecer.

Mudamo-nos para Ibdem há quase um ano, numa nova tentativa de encontrarmos paz. Nessa cidade habituada a cultivar lonjuras – e que por isso mesmo está tão longe de lugar qualquer que mais parece outro mundo –, ruminamos a oportunidade de retomarmos nossas vidas.

Fomos obrigados a entrar nessa jornada de reaprendizado e, quando se faz isso forçadamente, a impressão é de que não voltaremos a nos encaixar em lugar algum. Que nossos direitos foram violados pelo homem, pela justiça e pelo Deus.

Moro com os amigos Junior e Beto em um pequeno apartamento, no centro da cidade. Temos nos virado da melhor forma possível, desde que chegamos a Ibdem, apesar dos empregos conflitantes com as nossas profissões e todas as incertezas que trazemos da tentativa de viver em outras cidades. Reaprender o que tínhamos por certo tem sido um desafio acompanhado de surpresas nem sempre agradáveis.

As pessoas, em Ibdem, levaram um pouco mais de tempo para nos notar do que nos outros lugares pelos quais passamos. Chegamos até a cultivar certa tranquilidade, apesar de não deixarmos de lado o cuidado de não estreitarmos laços com elas, de não nos socializarmos.

Foram quase seis meses de uma falseada sensação de termos encontrado um lar definitivo, depois de tanto tempo vivendo como itinerantes. Mas apesar de termos escolhido a cidade em um mapa que a mostrava tão distante das metrópoles, não há como negar que, nos dias de hoje, o alcance das informações é eficiente, até mesmo para um quase fim de mundo como Ibdem.

Começou aos poucos, com olhares de soslaio, cochichos, pessoas nos apontando na rua, disfarçadamente, mas não o suficiente para que não percebêssemos. Apesar de evitarmos nos relacionar com essas pessoas, elas sabiam de nós.

Ibdem foi criada para ser modelo de cidade bem-sucedida, mas ao invés de se abrir ao mundo e aproveitar as melhores influências, ergueu-se

sob a batuta de algumas pessoas influentes que a assumiram como projeto de vida. Por esse motivo, pela vontade lancinante de alguns de se tornarem autores de uma nova safra de seres humanos, a cidade sempre andou com as próprias pernas, contando com jornal, emissora de televisão e rádio locais, com notícias filtradas, antes de serem liberadas, e programas que até mesmo minha avó – com seu inabalável moralismo – acharia sem o menor atrativo.

Ibidem tem escolas que educam as crianças para crescerem cidadãos exemplares, de acordo com os princípios que reinam na cidade e que, sem pestanejar, rouba-lhes o direito de saber mais e formar uma opinião própria sobre qualquer assunto.

É claro o cuidado que os dirigentes da cidade têm para que ovelhas desgarradas não nasçam e cresçam nas suas entranhas. Forasteiros são bem-vindos, mas permanecem somente se seguirem as normas da casa. Ibidem acolhe a todos, contanto que eles vivam suas vidas de acordo com as regras da cidade, criando um jeito sonso de agradar a política e a religião e beneficiar os já poderosos e aos censores que se bastam exercendo o poder intelectual.

Aqui Internet é proibida, assim como ligações telefônicas que não sejam locais. A arte se limita às aquarelas das escolas infantis, às exposições de cerâmicas das donas de casa, às músicas de teor raso dos violeiros amestrados.

Ibidem dá medo e fascina.

E por mais antagônico que possa parecer, é justamente por tudo isso que esta cidade é perfeita para nós. Mas então nos descobrimos.

Os habitantes de Ibidem, tão orgulhosos que são da sua terra e leis, da conduta dita exemplar que cultivam, são também obcecados pelo comportamento do outro, como se os espiassem das suas janelas. Eles se sentiram profundamente ofendidos por terem nos recebido e, depois de tanto tempo, descoberto nossas mazelas. Nós, os estrangeiros homicidas.

As pessoas começaram a perder a pose homeopaticamente. Em Ibidem é assim que acontece, como se dos amores às dores tudo fosse parcelado. E passaram a nos ignorar – falsamente, já que provocávamos falatório toda vez que saíamos de casa – na padaria, no mercado, no banco.

Decidimos permanecer em Ibidem, apesar de terem nos descoberto. Estamos tão cansados de arrumar as malas e partir a cada estranhamen-

to que, dessa vez, nos demos por vencidos. Pensamos que, ficando na cidade, talvez nos acostumássemos à situação e viveríamos nossas vidas com um pouco que fosse de liberdade. Não foi bem assim que aconteceu, porque não há como se acostumar com o julgamento das pessoas. E somos três homens que tiraram a vida de alguém, não importa se não cometemos o crime. Fomos indiciados, o que já é uma condenação que independe da verdade, impregnando-a com incertezas. Mas o que realmente me angustia é que Ibidem se empolgou com os seus assassinos de estimação. Tornamo-nos rock stars, pessoas odiadas e, não tão secretamente, festejadas com ironias. Um fetiche popular.



Esta se mostrou a cidade mais cínica de todas pelas quais passamos. De repente, depois de chegar aqui a informação de que fomos acusados de assassinato, passamos a sentir o impacto da repulsa dos seus habitantes, mas de uma forma equilibrada. Não perdemos nossos empregos ou fomos enxotados, porque esta é uma cidade guiada por princípios cristãos. Seus cidadãos respeitáveis acreditam que Deus tudo perdoa, portanto eles também devem fazer o mesmo, o que inclui ser solidário e não julgar o próximo. Mas o fato, a verdade mais crua impossível, é que entramos para a lista de itens condenados pelos habitantes de Ibidem. A falação sobre os assassinos foi colocada no automático, e até mesmo aqueles que a princípio sequer notaram nossa presença passaram a nos maldizer. Estamos na moda, somos notícia fresca. Assustamos as senhoras do clube de costura, entre uma mordida no bolinho de fubá e um gole de chá de ervas. Aviltamos os princípios da igreja, por isso nos tornamos tema recorrente das missas de domingo. Agitamos a moda local, fazendo com que os meninos usem cortes de cabelos tão desalinhados quanto os nossos. Excitamos as mulheres maltratadas pelos maridos. E tudo isso de uma forma ironicamente complacente, de maneira diferente de nós, eles não sejam julgados.

Por mais que nos sintamos incomodados e apesar da pressão crescente, Ibidem ainda é uma escolha melhor do que voltarmos para nossas casas, ficarmos próximos das nossas famílias. A rotina delas foi duramente afetada durante o processo e da acusação ao veredito, até mesmo depois, jornalistas e curiosos os abordavam constantemente, e vizinhos reclamavam da nossa presença no bairro, exigindo que lhes déssemos paz. Por isso resolvemos partir, apesar de inocentados. Algo se quebrou de tal modo que, se continuássemos onde estávamos, faríamos nossos familiares sofrerem demais.

Encaramos a mudança como uma aventura entre amigos, algo para termos no currículo das nossas vidas. Mas essa aventura se mostrou das mais dolentes e solitárias.

A amizade era o que nos mantinha unidos antes, mas hoje em dia é a cumplicidade que dá fôlego a essa amizade. A cumplicidade na busca por um sentido, pela insistência em sobrevivermos ao que nos aconteceu. E assim, Beto reaprendeu a vida se dedicando à criação de softwares. Porém, antes do julgamento, ele era uma das promessas da medicina, atuando como cardiologista. Quando sua carreira degingolou, antes mesmo de decolar, ele se adaptou como pôde. Junior vem de uma família de intelectuais e, meses antes do processo, assumira o cargo que era do pai: editor de uma revista especializada em Filosofia. Jornalista e filósofo, ele

viu a carreira ir por água abaixo e a necessidade o levou a se reinventar como colunista do jornal local. Hoje, ele escreve um folhetim sentimental, uma mistura de correio-elegante com autoajuda romântica, publicado semanalmente.

Eu não me dei bem com a faculdade. Comecei e não terminei jornalismo. Sou formado pela vida e nela exercia a função de mecânico. Trabalhava com meu tio e me dava bem, antes do processo. Hoje sou garçom, profissão tão honrada quanto qualquer outra, mas eu não a escolhi, e isso é um tanto quanto frustrante. Porque são nossas escolhas que nos definem, certo? E quando a vida passa a fazer as escolhas por nós? Em que nos transformamos? Em quem?

Beto e Junior zombam de mim, dizendo eu ser o único a ter uma vida social. Mas o que tenho é um trabalho que me força a estar com as pessoas e a servi-las. Como eles trabalham em casa, sentem-se sós com mais frequência, mas também se dizem sortudos por não terem de ouvir o que os outros têm a dizer sobre eles. O fato é que as pessoas nada dizem, não assumem o que as incomoda. No meu caso, estou exposto a elas diariamente e não sou maltratado. Não assumidamente. *Ibidem* é a cidade das máscaras e aqui as pessoas sabem lidar com elas e até gostam da função. Há certo talento comunitário em mantê-las em segredo e, ao mesmo tempo, se deleitam com os papéis que a elas delegam. E como garçom eu sei de segredos que colhi, sem querer, entre a hora do almoço e a do jantar. Pequenos escândalos entranhados na picardia de *Ibidem*.

Fui o único, entre nós, a optar por não planejar o roteiro da própria vida. A possibilidade de poder provar de tudo um pouco e, de vez em quando, um pouco mais do tudo, deixa-me tão próximo da essência da liberdade que não consigo me ater à possibilidade de lidar somente com certezas e planos. Sendo assim, trabalhos burocráticos não me atraem. Amarras, também não.

Nosso passeio preferido é pegar a estrada, parar em algum lugar do deserto e conversar sobre nada. Há algo quase religioso nas conversas no deserto, como se ele fosse um padre ouvindo nossas confissões. Quando estamos lá, sentimos o que o Junior definiu certa vez: “o viço da vida”. Para mim, o deserto é como uma folha em branco e nela cabe o que for. E essa opção em aberto atíça a minha esperança de que, dia desses, reescreveremos nossas biografias com direito às escolhas.

Subindo as escadas, loucos por chegarmos ao nosso apartamento, após a conversa no deserto, o passeio confesso. Beto resmungava algo ininteligível, enquanto Junior se esforça para chegar ao destino. Ele nunca foi de atividades físicas, sempre optando pelas intelectuais. Um sábio com suas limitações. E ele sempre as defendeu bravamente.

Já no corredor, percebemos que a porta do apartamento em frente ao nosso está semiaberta. Atrás de nós, surgem dois homens carregando caixas e resmungando por estarem cansados de fazer mudanças para prédios sem elevador. Paramos para que eles passassem e trocamos olhares curiosos e temerosos. Seria incômodo ter os olhos de Ibidem constantemente sobre nós.

Entramos no nosso apartamento retomando o assunto que foi tema do nosso passeio: o casamento de Junior.

Junior e Laura se conheceram logo que nos mudamos para cá. Ela é secretária da única loja de móveis da cidade. Desde então, tornaram-se inseparáveis. Ele não contou a ela o que nos trouxe a Ibidem, e ela também nunca questionou a respeito. Apesar de apaixonado por Laura, Junior sempre manteve nossas vidas fora do foco da curiosidade dela. Por isso mesmo, o namoro deles tem sido mantido em segredo, o que é um verdadeiro feito por aqui.

A minha teoria é que todos sabem sobre o namoro, mas, assim como Laura e Junior, eles têm receio de comentar o fato com o pai da moça. Único carteiro da cidade – sim, Ibidem conta com vários “único” –, o Sr. Castro é um homem muito respeitado, considerado o guru não só do código postal. Sua principal função é ser membro do conselho de ética da cidade. Ele é um dos poucos que apontam o dedo e dizem o que é certo e o que é errado no comportamento dos filhos de Ibidem. Portanto, encará-lo não é tarefa fácil, ainda mais para um homem com um passado como o de Junior.

Beto está inconformado com a notícia do casamento.

— Namorar a Laura escondido já era um risco constante. Quantas vezes vocês foram quase pegos? Sei que ela gosta de correr perigo... Mas com todo mundo sabendo sobre nós, sei lá, Junior!

— Se ela gosta de perigo... Lembra daquela vez no cinema?

— Não preciso que me lembre daquilo, Hugo! – Junior está um pouco nervoso.

— O pai dela não é um mero carteiro, Junior. Ele é o carteiro que também decide como as pessoas da cidade devem levar suas vidas, o que é justo e injusto, o que pega bem e o que...

— Já entendi, Beto... — Desapontado. — Mas toda garota tem pais, não? Elas são filhas de alguém.

O pedido de casamento foi consequência da solidão que o vinha afligindo. Laura é uma boa moça, mas certamente lhe falta tino. Junior se aborreceria logo com a convivência fisicamente apaixonada, porém emocional e intelectualmente limitada. E ele sabe disso, mas ainda assim se sente infeliz com a ideia de não vir a se casar com ela. Puro medo de ficar só.

— Tente pensar nela, Junior... Ainda que a Laura queira esse casamento, como será quando apresentar ao pai justo um dos caras que a cidade está apontando por causa do passado enfeitado com um homicídio?

— Sou inocente, Hugo...

— Somos! Mas não faz diferença e você sabe disso. Não é a verdade que vale para eles.

Os pais de Beto e Junior eram amigos e vizinhos dos meus, assim nossa amizade se fortaleceu com o passar dos anos e acabamos por dividir boa parte da nossa história. Conhecemos o Ribeiro quando moleques, num campo de futebol, perto de casa. Sobrinho do dono do supermercado local, ele passou a aparecer com frequência e acabamos amigos. Apesar de ele ser bem diferente de nós, o que nos assustava bastante, gostávamos de sua companhia, que a princípio aparecia de vez em quando, mas, logo depois, passou a estar com a gente o tempo todo.

O Ribeiro corria riscos, ousava, aprontava muito, e ainda era uma criança. Adolescente, caiu no mundo, voltando mais de uma década depois. A partir daí, não o reconhecíamos mais. Era como se outra pessoa tivesse se apossado da identidade dele. Mas ainda assim o acolhemos... Era nosso amigo.

Com o tempo, nos afastamos dele. A arrogância do Ribeiro, a malandragem da qual ele sentia tanto orgulho, não nos atraía, ao contrário, nos levava a ter de defender aqueles que ele enfrentava. Mas ao mesmo tempo em que nossa amizade se desfazia, naturalmente, ele se tornava uma das pessoas mais populares e influentes do nosso bairro.

Quando o Ribeiro apareceu no bar onde estávamos, acompanhado da Suzana, aluna de arquitetura da faculdade onde a irmã do Beto estudava, achamos estranho, mas não impossível que eles se conhecessem. As pessoas do bairro acabavam por frequentar os mesmos lugares e, com a fama do Ribeiro por lá, certamente eles já haviam se encontrado antes. E conhecíamos a Suzana, uma garota inteligente e muito agradável, apaixo-

nada por quadrinhos e prédios, que sonhava em colocar em prática um projeto de reurbanização do bairro que ainda estava na sua cabeça, mas que, com a conclusão do curso, ela colocaria no papel e correria atrás de realizar. Suzana era uma pessoa fascinante e pensamos que, talvez, o Ribeiro tivesse enxergado isso nela.

— E precisamos arcar com as consequências do que fizemos sem culpamos as outras pessoas por pensarem o que pensam... Que somos responsáveis pela morte da Suzana.

— Somos responsáveis por não termos intuído o que o Ribeiro queria dela... Assassinos? – Junior pensa alto. — Aí fica difícil de encarar, Hugo.

O “sim” de Laura ao pedido de casamento de Junior saiu da condição de um possível amansamento para a solidão dele para um problema a ser resolvido. Pelos poucos dias em que ruminou a possibilidade de se casar, Junior não ignorou o fato de ter feito a proposta apenas pelo gosto de poder fazê-lo. São poucas as coisas que podemos fazer apenas por poder, atualmente. O que ele não esperava era ser abatido pelo remorso por envolver Laura em suas impossibilidades.

Sentindo-se culpado, fazendo anotações de formas como deveria contar à noiva que não haveria casamento, Junior antecipou uma entrevista que teria de fazer na semana seguinte, em outra cidade, pois precisava de um tempo longe de Ibidem e de Laura. Beto decidiu acompanhá-lo, de tão desolado anda o filósofo, numa intenção poética, e não médica, de manter o coração do amigo funcionando. Não que haja empolgação a respeito do entrevistado, um homem apto em manipular a compreensão das pessoas a respeito da felicidade, fazendo com que aceitem que ela é alcançável sem que haja perdedores, sofreguidão. Um autor que vem fazendo o seu show direitinho e enchendo os bolsos: lançou recentemente um já badalado livro de autoajuda, onde esboça suas ideias sobre como nos livrarmos da dependência do amor. Um picareta vestido em panos finos, que se deu ao trabalho de apenas argumentar, sem se preocupar com embasamento ou o mínimo de talento redatorial, sobre aqueles que amam tanto que acabam por se esquecerem de si mesmos. Além do mais, ele é patrocinador da coluna do Junior, ou seja, responsável pelo salário dele. Então, lá vai o filósofo: o rabo entre as pernas, um sorriso minguado e o coração na mão.

Apesar de ser meu dia de folga, prefiro não acompanhar Junior na sua empreitada. Há semanas que não tenho um dia livre e, desde que nos mudamos para Ibidem, é a primeira vez que posso ficar em casa, sozinho.

O mais confuso dessa necessidade de ficar sozinho é que, na maioria das vezes, nos pegamos sem saber o que fazer. Idealizamos que basta fazer nada, mas não é assim que funciona. Pensamos que os livros, os discos e os filmes nos ajudarão a passar o tempo, mas descartamos os pensamentos que não param de pipocar. Daí que não conseguimos preencher todas as lacunas e sempre sobra aquele momento em que preferíamos fazer o que sempre fazemos a não sabermos o que fazer.

Eu resolvi meu problema fazendo uma boa limpeza na casa. Não sou dos mais organizados, mas precisava me distrair.

A garoa fina, a tarde fria, o dia melancólico. Coloco os sacos de lixo no cesto de coleta e olho para os lados. A maioria das pessoas foge de dias como este, mas eu sou dos que os apreciam.

Gasto um pouco de tempo ali, em pé, olhando para os lados, apreciando as casas da rua, e depois entro. Subo as escadas fazendo hora, porque não quero pressa no meu dia de folga. Ainda no andar de baixo, escuto uma discussão acalorada entre um homem e uma mulher. Não presto atenção no que dizem. É meu dia de folga.

Continuo subindo, distraído pelo som da discussão, mas sem qualquer entendimento sobre ela. De repente, eles se calam, e ouço alguém descendo as escadas, correndo. O homem alto e nervoso não se dá ao trabalho de desviar, e esbarra em mim violentamente. Quase saio rolando pelas escadas. Subo os últimos degraus resmungando palavrões, irritado com a desconsideração do homem ao me atropelar.

Não quer saber quem sou e sequer pergunta nome. Assim que coloco os pés no corredor do meu apartamento, sou recebido com tapas, arranhões e um repertório e tanto de palavrões.

— Que maluquice é essa? – Grito e, ao ouvir a minha voz, ela se afasta, reconhecendo que eu não sou o homem-bala que acabara de me atropelar.

— Que inferno! – Frustrada por ter atacado a pessoa errada, mas sem o mínimo remorso por tê-lo feito.

As faces ardendo essa violência da qual nem sei o tema. O braço miando sangue por causa dos arranhões e a respiração pesada. Esse sou eu a observá-la. Saio do transe, num quase grito:

— O que está acontecendo aqui?

Ela me lança um olhar glacial. E eu engulo a seco, busco o fôlego fugido, tento respirar e me acalmar.

— Você tem o hábito de se meter na vida dos vizinhos? — Um passo a frente, desafiando-me. — Espero que não, senão teremos problemas.

Entra em seu apartamento e fecha a porta na minha cara.

Desenhar foi a forma que encontrei para amansar as coisas dentro de mim. Desde muito pequeno, dos rabiscos aos projetos secretos, este fazer tem sido o meu calmante. Mas também é segredo, algo apenas meu, que não divido com ninguém.

Eu desenho quando me sinto coagido a recorrer aos extremos. Ao invés de verbalizar, de sair no tapa, de criar confusão, sento-me diante do papel e exorcizo essa necessidade. Então, tudo o que crio eu devolvo ao anonimato. Depois que o sentimento que me incomoda passa, eu rasgo o desenho. Tudo dentro de mim se acalma quando os pedaços de papel ganham o lixo. E não que as ideias morram. Apenas ficam guardadas dentro de mim até o próximo exorcismo.

Dia de folga quase no fim. Vou ao banheiro escovar os dentes e no espelho encaro as marcas das unhas da mulher do corredor. Elas dão um toque bizarro à minha figura pálida e, mais do que marcas deixadas em mim por uma dona alucinada, vejo meu próprio espanto ao relembra do olhar cortante dela. Não saberia dizer como ela é fisicamente, mas não hesitaria em reconhecê-la pelo olhar. Aquele olhar. Deixo os devaneios de lado e vou me deitar. Caio logo no sono.

Relutei em assumir que não era sonho, que bastava virar do lado, colocar o travesseiro sobre a cabeça que, em dois tempos, o silêncio voltaria. Salto da cama, o humor no vermelho, atizado pela curiosidade sobre o choro que escuto vindo do lado de fora.

Abro a porta como se a fosse derrubar, ecoando o ato pelos corredores do prédio. É um misto de susto e curiosidade me invade.

Sentada à porta do próprio apartamento, ela até tenta controlar o choro, mas bem se vê não ser possível. Envergonhada, encolhe-se como se quisesse desaparecer. Ela não responde às minhas perguntas, não me encara.

Suas roupas rasgadas e os cabelos desgrenhados deixam bem claro que a briga foi feia. Pergunto se foi o homem que me atropelou na escada que fez aquilo com ela, mas não recebo uma resposta.

Tento tocá-la, mas ela se esquiva, resmungando para que a deixe em paz. Quero saber se está machucada, se precisa de ajuda, mas ela não me permite aproximar. Então, sento-me no chão, do outro lado do corredor e

espero, observando a inabilidade dela de calar o choro, mas percebendo que, aos poucos, os soluços se tornam mais brandos. Alguns minutos depois, levanto-me e pergunto se não quer entrar, beber um copo de água, acalmar-se. Ela aceita, mas sem palavras, apenas com um gesto. Levanta-se, mantendo a cabeça baixa, sem me encarar. Eu entro no apartamento e ela acompanha-me.

Durante quase uma hora eu a observei chorar. Ofereci a ela meu último calmante e sugeri que se deitasse na cama do Junior. Ela aceitou, de tão esgotada que estava, e não demorou a cair no sono. Deitei ao lado, na cama do Beto. Observei-a, refletindo sobre como o meu plano de passar uma noite tranquila desandou.

Acordamos em uníssono. Abrimos os olhos num mesmo segundo.

Senta-se num espreguiçar desprovido de pudores. Os braços tentando alcançar: o teto? O céu? Senhora não só dos seus trejeitos, mas também de suas mazelas. Seus olhos: vermelhos. Maquiagem: borrada. Uma versão psicodélica de dona de casa acordando para os afazeres da vida. Toma consciência da minha presença e crava seu olhar no meu. Desvio. A voz dela me alcança: “tem alguma coisa pra beber?”.

Levanto-me e saio de cena. Volto em seguida, armado com um copo de água. Fita-me com desdém, durante um segundo de eternidade. Penso que são oito da manhã, mas quê? Saio de cena. Volto em seguida, armado com uma boa dose de vodca, que ela bebe de um gole.

Olha para as mangas de sua blusa, analisa suas roupas. Encara-me.

— Posso tomar um banho?

Respondo que sim e ela rebate.

— Você pode me emprestar uma roupa?

— Roupa? – olho para ela sem saber o que pensar. — Claro... – levanto e vou procurar algo para ela vestir. Ela fala mais alto para que eu a escute.

— É que perdi a chave de casa...

Remexo no armário que divido com Junior e Beto e separo algumas roupas e uma toalha de banho. Estendo a mão, ela pega o que ofereço e pergunta onde fica o banheiro. Levo-a até lá. “Você tem uma escova de dente extra?” Eu não, mas o Junior, sim. Providencio e a deixo em paz.

Fica essa sensação estranha, enquanto ela está no banho, de que não há como contar o tempo na duração da presença dessa mulher. E o incô-

modo se torna quase físico, retesando meus nervos. Alvorçando minha já cambaleante paz de espírito.

Sai do banheiro enxugando os cabelos, vestindo o meu moletom. Parece até uma mulher comum, das que têm as roupas que gostam de usar para sair e aquelas que apenas usam em casa. Vestida desse jeito, ela me faz lembrar a Dora, uma das minhas irmãs. É o incômodo dá lugar a uma inocência de aparências. Minha irmã sempre foi esperta, apesar da cara de santa.

— Não se preocupe... Vou devolver as suas roupas – senta-se na cama e cruza as pernas para secar os pés. — Sinto muito por atrapalhar você, mas...

— Não precisa explicar... – algo me diz para evitar os detalhes.

Ela me encara e não desvia o olhar por alguns segundos. Tenho a impressão de ser iniciado nas artimanhas da eternidade.

— Posso fazer um café?

— Um café?

— É... Café.

Então, é como se o lobo pedisse um abraço ao cordeiro. Sinto meu corpo estremecer, mas tento manter a mente aberta. É apenas uma estranha pedindo para fazer um café, depois de tomar o meu último calmante, dormir na cama do Junior uma noite de sono, beber uma dose da nossa vodca, vestir o meu moletom, usar a minha toalha e a escova de dente roubada de um amigo. O que poderia dar errado?

— Claro. Sinta-se em casa.

Enquanto ela prepara o café, eu saio para comprar o jornal. Imagino a mim como o marido saindo para uma voltinha dominical, antes de enfrentar a rotina de um casamento com uma esposa que ele nunca conseguiu entender, uma estranha. Quando volto, encontro a mesa da cozinha recheada com tudo o que pede um bom café da manhã para assassinos de mentirinha. Sorrio, reflexivo, e ela se aproxima, estendendo a mão. Aceito o cumprimento apenas para descobrir: mãos macias, dedos longos, anéis de prata.

— Agnes.

Seguro a mão dela por algum tempo, enquanto a observo na tentativa de encontrar algum sinal que a equipare às mocinhas pacatas e pálidas de *Ibidem*. Mas encontro um refinado sarcasmo. Agnes não olha para mim, ignora-me com gosto, mesmo estando sua mão abraçada a minha. Sinto

como se esvaziasse as minhas gavetas em busca de cartas secretas. Solto a mão dela e sento à mesa.

Nosso café da manhã seguiu na alcova do silêncio. Agnes não me encarava, mas a contemplei às escondidas. Ela parecia intranquila nos gestos, apesar do semblante suave. Talvez o resultado de uma boa noite de sono, mesmo que a base de calmante.

Quando terminamos, dividimos funções. E antes de ir embora, ela fez questão de deixar claro que devolverá as minhas roupas, porém não me agradece pela acolhida. Parte como se jamais tivesse entrado na minha casa. Na minha vida. Na minha alma.

